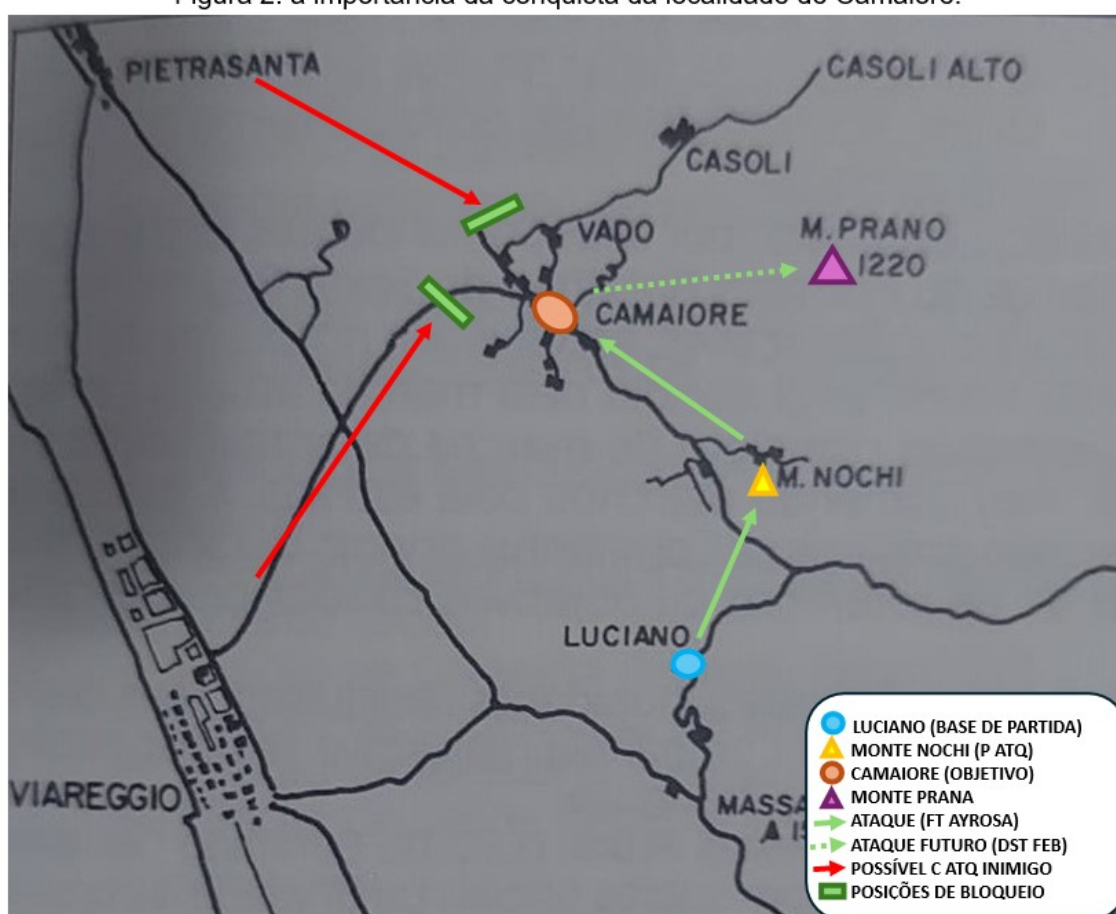


Com 1220 m de altitude, o Monte Prana dominava toda a região. Do ponto de vista tático e operacional, sua posse asseguraria a continuação do movimento na direção geral do norte, em razão do controle das estradas e localidades que conectavam o litoral oeste (Viareggio, no mar da Ligúria) à porção centro-norte da península (Bolonha, Módena e Parma), possibilitando o efetivo reposicionamento de tropas e a manutenção do adequado fluxo logístico. Sob o enfoque estratégico, a conquista de um ponto de penetração da Linha Gótica somaria esforços ao propósito aliado de rompê-la, comprometendo a sustentação das operações defensivas do Eixo na Itália.

Para a conquista do Monte Prana, o controle prévio da localidade de Camaioire era essencial. Importante nó rodoviário, sua manutenção traria melhores condições de segurança à tropa brasileira, assegurando o bloqueio de eventuais rotas de contra-ataque inimigo por oeste ou noroeste, ao mesmo tempo que garantiria aos febianos uma excelente base de partida para a organização do ataque final ao Monte Prana (figura 2).

Figura 2: a importância da conquista da localidade de Camaioire.



Fonte: livro “Memórias de um soldado” (1985), adaptado pelo autor.

Para a conquista de Camaioire, foi organizada uma Força-Tarefa valor subunidade (FTSU)² e escolhido o Capitão Ernani Ayrosa para comandá-la, em razão de suas elevadas qualidades e capacidades profissionais. Tendo como base de partida a localidade de Luciano, a Marcha para o Combate deu início às 0830h de 18 de setembro de 1944. Engenheiros e elementos de

² FTSU: 1 (um) Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do 1º Batalhão de Infantaria; 1 (um) Pelotão de Tanques Médios (norte-americano); 1 (um) Pelotão de Metralhadoras Pesadas e 1 (um) Pelotão de Morteiros 81 mm, da Companhia de Petrechos Pesados; 1 (uma) Seção de Reconhecimento (cavalaria); 1 (uma) Seção de Engenharia; 1 (uma) Seção de Saúde; e 1 (uma) Seção de Artilharia (inglesa).

reconhecimento, liderando o movimento da Força-Tarefa, se encarregaram de repetidas vezes prover a abertura de brechas no itinerário, vencendo diferentes obstáculos colocados pelos alemães e proporcionando o ininterrupto avanço da tropa. Para tal, contaram, inclusive, com o apoio de um tanque americano equipado com lâmina (*bulldozer*), que auxiliou tanto a terraplanagem dos locais de passagem como a retirada de minas e escombros.

Ao atingir as alturas do Monte Nocchi, às 1800h, a Força-Tarefa passou a receber fogos ajustados de artilharia, que a obrigou a buscar proteção e a desdobrar os seus meios. Os Pelotões de Tanques, de Morteiros e de Metralhadoras Pesadas se organizaram para constituir a base de fogos. O Escalão de Ataque, composto basicamente por infantes e engenheiros, partiu rapidamente da Posição de Ataque (P Atq) embarcados em jipes, descendo a íngreme encosta do Monte Nocchi na maior velocidade possível, buscando fugir dos tiros de artilharia, de morteiros e de armas automáticas. No fundo da ravina, se depararam com a única ponte disponível destruída. Sem perda de tempo, com iniciativa e flexibilidade, transpuseram o rio obstáculo utilizando meios de fortuna e prosseguiram a pé restante do trajeto até alcançarem o objetivo.

Às 1900h, os integrantes do pelotão de infantaria comandado pelo Tenente Marcos, apoiado por elementos de engenharia, entraram em Camaiore. O inimigo, em nítida postura de retardamento, retraiu para posições mais a norte e a leste da localidade. A rapidez na ação e o conseqüente efeito surpresa provocado, assim como a determinação da tropa febianana e a liderança do Capitão Ayrosa fizeram a diferença e foram determinantes para o sucesso. Em seguida, a construção da ponte batizada “Carioca” assegurou aos meios mais pesados deixados em base de fogos a transposição do rio e a reunião de todo o efetivo na recém-conquistada cidade.

O amanhecer de 19 de setembro de 1944 trouxe à população de Camaiore a alegria da libertação do jugo nazista, juntamente com o reinício das hostilidades. Novos bombardeamentos provocaram as primeiras baixas entre os febianos, atingindo igualmente parte da população civil. Esses constantes ataques acabaram revelando e confirmando para os expedicionários os principais pontos de resistência inimiga nas elevações circunvizinhas, cuja prévia supressão passou a ser considerada como requisito para a investida em Monte Prana.

Ao comandar exitosamente o ataque a Camaiore, Ernani Ayrosa dava provas incontestes de sua competência em combate e valor militar. Naquela ocasião, soube integrar com rara maestria as capacidades militares táticas colocadas à sua disposição, obtendo sinergia e adequada sincronização dos meios em todas as ações. Aplicou com correção diferentes Princípios de Guerra, externando maturidade como líder e sólido conhecimento profissional. A conquista de Camaiore lhe rendeu justos reconhecimentos, por meio das outorgas das medalhas “Cruz de Combate de Primeira Classe” e “*Silver Star*”, importantes condecorações por bravura do Exército Brasileiro e dos Estados Unidos da América, respectivamente.

Após Camaiore, o jovem capitão prossegue nos combates até a vitória final dos Aliados. Terminada a Guerra, a continuação da carreira lhe conduz ao mais alto posto da hierarquia militar: o de General de Exército. Nessa irretocável trajetória, comanda organizações militares operacionais, administrativas e de ensino. Na condição de Chefe do Estado-Maior do Exército, transfere-se para a reserva remunerada em maio de 1981. Em 5 de dezembro de 1987, parte em definitivo, aos 72 anos de idade, deixando às gerações futuras exemplos inspiradores e um legado de enorme dedicação e amor à Pátria.

Figura 3: Diploma da Medalha “Cruz de Combate de 1ª Classe”, concedida ao Capitão Ernani Ayrosa, cuja justificativa engloba a conquista de Camaioire.



Fonte: Memórias de um Soldado (1985)

Figura 4: Capitão Ernani Ayrosa recebendo a Medalha “Silver Star” das mãos do General Mark Clark, Comandante do V Exército de Campanha, no qual estava enquadrada no IV Corpo de Exército a Força Expedicionária Brasileira (FEB). A conquista de Camaioire contribuiu para o recebimento desta honraria.



Fonte: página do Centro General Ernani Ayrosa na internet

(*) Autor

Coronel ANDRÉ LUIZ DE SOUZA DIAS

Formado em 1996 na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), é oficial de Infantaria, integrante do Quadro de Estado-Maior da Ativa e atualmente servindo na Secretaria-Geral do Exército, em Brasília-DF. Comandou a Companhia de Comando da 6ª Brigada de Infantaria Blindada e o 29º Batalhão de Infantaria Blindado. Realizou o Curso de Estado-Maior das Forças Armadas na Espanha e o de Altos Estudos Nacionais na Bolívia. Possui os Mestrados Acadêmicos em Operações Militares e em Ciências Militares, ambos no Brasil, em Política de Defesa e Segurança Internacional, na Espanha, e em Segurança, Defesa e Desenvolvimento, na Bolívia. Faz parte da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) – Centro Cultural Casa da FEB desde Capitão e é membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHM).

